



Fortalecendo os Sistemas Agroalimentares: A experiência das Feiras Agroecológicas do Centro de Formação Frei Humberto no Ceará

Francisca Clarice Rodrigues de Sousa; José Ricardo de Oliveira Cassundé; Marcella Cristina Ever de Almeida.

Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Apresentação

A feira Agroecológica da Reforma Agrária é uma experiência que já está na sua 35ª edição com foco nos desafios de fomentar um dos elos estratégicos da agroecologia que são os entraves da comercialização, tendo em vista os desafios do mercado para o campesinato. A mesma encontra-se organizada e gestada por militantes e assentados (as) do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST do estado do Ceará, consistindo em um espaço de comercialização de produtos agroecológicos oriundos da produção desenvolvida nos assentamentos de reforma agrária do Estado do Ceará. Por ser referência para os diversos consumidores e produtores a mesma se constituiu de uma realização de caráter político, cultural e econômico, tendo em vista que os assentados têm um canal de comercialização garantida mensalmente.

Contextualização da experiência

A feira agroecológica acontece mensalmente na cidade de Fortaleza – CE. Considerando-se que se trata de uma região semiárida com predominância de uma caatinga que resiste nas suas diversas estiagens. Mas são as diversas experiências de camponeses que são desenvolvidas em regiões com pouca disponibilidade hídrica, e que vão fomentando pequenas produções diversificadas e garantindo a diversidade nas feiras agroecológicas.

No atual cenário realizar as feiras da reforma agrária, nos remete a reflexão de nossa resistência ativa em meio a uma realidade bem alarmante quanto ao uso descontrolado de agrotóxicos, as mazelas sociais acarretadas pelo agronegócio nas diversas regiões do estado, com foco na fruticultura irrigada, carcinicultura entre outras commodities que em seu nome concentram terras, águas e conflitos com as diversas comunidades tradicionais e demais povos do campo, florestas e mares.

Nesse sentido, a feira surge de uma experiência de participação assentados e assentadas do MST do Ceará que participaram das feiras nacionais da Reforma Agrária que acontecem em São Paulo e que os diversos estados do Brasil participam trazendo presente a arte, a cultura, a culinária, as produções e os muitos sabores e saberes do campo brasileiro a partir da luta pela reforma agrária. Após as avaliações junto ao Setor de Produção do MST-CE junto às famílias produtoras nos



assentamentos se criou a ideia de construirmos uma amostra de produtos da reforma agrária, para denunciar afirmar pra sociedade a justiça da reforma agrária e da luta pela terra, na defesa da produção de alimentos saudáveis. E a partir daí fomos perceber o quanto as produções são diversificadas e que também eram saudáveis, por isso entendemos que precisávamos construir espaços para nos fortalecer como assentados que produzem e geram renda. E a experiência foi se expandindo e ampliando as participações e daí fomos caracterizando com feiras temáticas onde o debate da agroecologia passa a transversalizar todas as ações da feira, desde a alimentação aos produtos comercializados, as relações estabelecidas, os diálogos de saberes que ocorrem entre os consumidores e as trocas de experiências entre feirantes que enriquecem as propostas de desenvolvimento de suas áreas de plantio e organização da produção.

Vale ressaltar que a feira traz uma conscientização com relação a agroecologia no que diz respeito a inserção dos camponeses (as) nos debates e nos espaços de comercialização, pois os mesmos são consultados quanto aos seus processos produtivos, desde o manejo do animais as práticas agrícolas realizadas em seus plantios, que por sua vez é o Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto - CFFH que tem sido responsável pela promoção do evento e buscar realizar o diálogo com essas famílias sobre a importância da agroecologia em suas vidas e como que ela é importante na produção de nossa alimentação. Além disso, orienta-se que os camponeses se desafiem a sempre realizarem os diálogos de saberes entre feirantes e consumidores para que possam ir traçando os melhores caminhos da sua produção agroecológica, ainda assim orienta-se sobre seus custos para que eles sejam capazes de construir as suas possibilidades de acessar os canais de comercialização agroecológica.

Desenvolvimento da experiência

A primeira Feira Agroecológica e Cultural da Reforma Agrária aconteceu em 24 de setembro de 2016 e desde então, ela se repete ao segundo sábado de cada mês. São aproximadamente três anos de realização das feiras. A mesma se divide em três momentos quase que simultâneos. Às nove horas começa a venda e exposição de produtos; às dez, uma roda de conversa a respeito de algum tema conjuntural ou que se avalia importante para aquele momento e ao meio dia é servido o almoço, que tem um cardápio já pré-definido desde a primeira feira (galinha caipira, carneiro, boi, suínos, peixada entre outros) e música ao vivo com músicos regionais.

Atualmente a feira é construída por vinte feirantes, entre homens e mulheres, e uma equipe, organizada pelo setor de produção do MST que se responsabiliza pela venda dos produtos dos assentamentos que, devido a distância e condições, não podem vir para todas as feiras, mas querem enviar seus produtos. Participam também da feira o Plebeu de Leitura e a Expressão Popular, os dois expõem e vendendo livros. A Feira Cultural da Reforma Agrária é uma construção dos próprios assentados, MST e CFFH que tem prevalecido nas diversas edições já que a mesma ocorre sem qualquer financiamento externo e se realizando com base na



auto-organização camponesa a feira tem sido uma experiência que, apesar dos limites ainda existentes, ela tem se mantido e gerado bons frutos, desde as relações com a sociedade ao estímulo dos camponeses a valorizarem o campo e se organizarem para produzir. Avalia-se que a feira, além de um espaço importante onde se encontra produtos agroecológicos e comida regional por preços bem abaixo dos, normalmente, praticados no mercado, é também um importante espaço de construção de relações política dos apoiadores da reforma agrária e melhoria da renda dos feirantes.

Traz-se presente depoimentos que somam-se nessa construção coletiva de reafirmar a reforma agrária e a agroecologia na construção do “campo possível”, este como nos diz o parlamentar João Alfredo do PSOL em uma de suas visitas a nossa, *“esta feira está em sua quinta edição a feira da reforma agrária e ela é um momento de resistência. Resistência em vários sentidos. Resistência porque ela afirma a importância de um movimento como o MST na luta pela reforma agrária, na luta pela democratização da terra no país e na valorização dos movimentos sociais e também na luta contra a sua criminalização. Ela é de resistência porque temos aqui produtos da reforma agrária, dos assentamentos, mas também produtos da produção intelectual brasileira e internacional que giram em torno [...] das transformações sociais, do socialismo e tudo mais. Eu acho que ela se dar em um momento histórico extremamente crítico, talvez um dos momentos mais difíceis enfrentados nas últimas décadas pela sociedade brasileira”*.

Na atualidade os assentamentos produtores que participam de nossa feira encontram-se distribuídos em categorias diferenciadas que podemos citar como, os assentamentos envolvidos e que vem com frequência, ou melhor, são fixos sempre em nossas feiras, dentre eles: Antônio Conselheiro – Ocara-CE, Palmares- Cratéus-CE, Zé Maria do Tomé- Limoeiro do Norte-CE, Zé Lourenço – Chorozinho-CE, Bernardo Marin II- Russas-CE, Mulungu – Itarema-CE –se, no caso da categoria dos assentamentos que não podem vir sempre e mandam produtos pelos demais assentados, podemos citar Roseli Nunes e Grossos-Santa Quitéria-CE, Monte Alegre-Tamboril-CE, 02 de Maio em Monsenhor Tabosa-CE, além destes temos os assentamentos Barra do Leme – Pentecoste-CE e Lagoa do Mineiro em Itarema–CE como assentamentos participaram desde do início da construção das feiras. Na ocasião reafirmamos que são comercializados na mesma diversos produtos de origem animal e vegetal, constando diversas frutas, olerícolas, tubérculos, folhas, carnes de animais de pequeno e médio porte, animais vivos, artesanatos, comidas diversas, licores, livros, revistas, cordéis, raízes de plantas medicinais, mudas frutíferas e ornamentais entre tantas outras coisas que constroem as feiras culturais e agroecológicas do MST-CE.

Desafios

A feira tem nos mostrado ser um espaço estratégico para a classe trabalhadora assentada, mas ainda possuímos alguns entraves quanto a disponibilidade de alguns camponeses ainda não conseguirem se deslocar até o local para expor e



defender a qualidade de seus produtos, como também construir as políticas de auto sustentação de seus produtores participantes, considerando serem espaços de reconhecimento de suas produções e de construção de saberes, trocas de experiências sobre a realização das práticas agroecológicas e organização da produção camponesa.

Principais resultados alcançados

São três anos de experiência e a feira encontra-se na sua 35ª edição, cada feira com um tema debatido de importância conjuntural, onde se somam nesta construção mais de 40 organizações e movimentos sociais. A feira tem afirmado diversos resultados no âmbito das questões de geração de renda para os feirantes, as relações públicas que se estabelecem entre os movimentos e instituições parceiras, a realização de eventos no CFFH, os diversos debates que aproximam famílias urbanas e rurais nas temáticas que são discutidas construindo diversas pontes com as universidades e intelectuais que defendem a reforma agrária e a agroecologia. Um outro resultado relevante, trata-se da conscientização e motivação para os feirantes, são mulheres, homens e jovens que tem passado a reorganizar seus quintais e demais áreas de plantio em seus assentamentos para que possam ir diversificando seus plantios e criações que contribuem para fortalecer a feira e suas vendas, construindo a feira como sujeitos do processo de transformação humana e emancipatória.

Disseminação da experiência

A realização da feira tem sido de muito incentivo para que os diversos camponeses (as) organizados em seus diversos territórios de trabalho, vida e sustento pois tem conseguido se organizar para realizarem também a exposição de seus produtos. Nessa ocasião alguns assentados (as) têm começado a participar de feiras locais promovidas pelas secretarias de meio ambiente e agricultura, universidades, escolas e demais instituições que promovem essas iniciativas e nossos camponeses tem sido convidado a expor e vender nossos produtos, e levando a história da resistência camponesa, da reforma agrária e da agroecologia em seus territórios. Em sua traz-se como elementos que é de suma importância para esse processo a articulação de jovens e mulheres que fomentam ao seu modo diversas articulações e oportunidades de acessarem espaços de vida, produção e geração de renda a partir da terra e de suas criatividadees.